

A curva S e o mercado segurador brasileiro

*Francisco Galiza
Mestre em Economia (FGV)*

Em um trabalho já clássico, a resseguradora Swiss Re, através do seu departamento de pesquisa, divulga periodicamente um gráfico no qual relaciona, para diversos países no mundo, o PIB per capita (no eixo dos X ou das abscissas) com a participação do seguro no PIB (analogamente, nas ordenadas). A grande conclusão deste texto é que, nos países, a tendência é similar à figura de um “S quase deitado”. Ou seja, o seguro teria 3 comportamentos distintos. No início, o PIB per capita no país cresce mas sem resultar em um aumento na participação do seguro. Este comportamento duraria até uma faixa de US\$ 2 ou 3 mil dólares/ano. Depois, o setor entra em uma segunda fase, quando a elasticidade Prêmios/PIB é maior do que 1, quase igual a 2 e que vai até o nível de US\$ 30 mil dólares, quando atinge um patamar em torno de 7 ou 8% do PIB. O motivo econômico para este comportamento deriva do fato de o seguro ser considerado um bem superior. Ou seja, só existe seguro quando é gerada riqueza e, em consequência, poupança, mas até um certo limite máximo. Depois, quando a riqueza é muito elevada, o seguro já não acompanha na mesma taxa de crescimento.

Em estatística recente, o IBGE divulgou o PIB brasileiro de 2000, R\$ 1,089 trilhão, o que resultou em um PIB per capita de, aproximadamente, US\$ 3,5 mil/ano. Quando transpomos este valor para a “curva S” da Swiss Re, podemos entender o motivo do otimismo, quando lemos os profissionais da área de seguros e suas projeções – este mercado estaria no início da segunda fase, justamente a de crescimento. Ou seja, se a economia brasileira mantiver uma taxa de crescimento de 4% ao ano para os próximos 4 ou 5 anos, é razoável supor que este mercado possa crescer, no mínimo, 6% ao ano ou até 8%, se a elasticidade igual a 2 de fato se confirmar.

Naturalmente, nestas projeções, podem entrar outras variáveis específicas de cada país, como legislação, aspectos fiscais, distribuição de renda, taxas inflacionárias, etc. Entretanto, este modelo, mesmo sendo simplificado, sinaliza boas notícias em um momento necessário, em função da situação complexa que a economia brasileira vive hoje.